

A tarefa do tradutor, de Walter Benjamin, e sua rede dialética com as principais teorias Da tradução surgidas no século XXI

Enio Gontijo de Lacerda*

Resumo

Este artigo pretende estabelecer uma relação entre as várias correntes teóricas surgidas na modernidade concernentes à tradução de obras literárias com o ensaio *A tarefa do tradutor*, aqui considerado um texto não apenas icônico, mas de destacada referência na construção e fundamentação de tais teorias. Observa-se que mesmo sendo fonte primordial de outros textos, com inegáveis ressonâncias e confluências, constitui-se como texto filosófico e, portanto, isento de definições ortodoxas, gerando uma gama enorme de interpretações, muitas delas revelando paroxismos e contradições entre si. Essa dissonância se deve, o que será defendido aqui, à escritura hermética e rizomática de Benjamin, que oferece inúmeros veios e incursões a seu leitor, o que favorece uma diversidade de interpretações, desde as mais conservadoras às mais radicais. Afinal, se um texto é um processo contínuo de reescritura de novos textos, o ato da escrita pode ser também considerado um ato tradutório, o que lhe transmuta, além de uma verve criativa, um aspecto que contempla e fundamenta sua natureza teórica e crítica.

Palavras-chave: Teoria da Tradução. Walter Benjamin. A Tarefa do tradutor.

* Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras/Literatura.

The Translator's Task, by Walter Benjamin and its Relationship to The Main Theories of Translation Arising in The 20th Century

Enio Gontijo de Lacerda

Abstract

This paper intends to establish a connection between the various theoretical currents that emerged in modernity concerning the translation of literary works with the essay *The Translator's Task*, considered here not only as an iconic text, but one of outstanding reference in the construction and foundation of such theories. It is observed that despite being a primary source of other texts, with undeniable influences, it constitutes a philosophical text and, therefore, free from orthodox definitions, generating a huge range of interpretations, many of them revealing paroxysms and contradictions among themselves. It is believed that this dissonance is due to Benjamin's hermetic and rhizomatic writing, which offers to his readers countless possibilities and incursions, increasing this diversity of interpretations, from the most conservative to the most radical. After all, if a text is a continuous process of rewriting new texts, the act of writing can also be considered a translation act, which conveys, in addition to a creative process, an aspect that enables and supports its theoretical and critical nature.

Keywords: Translation Studies. Walter Benjamin. The Translator's task.

Muitas foram as teorias, especulações e mesmo tentativas de se estabelecer uma metodologia para a tradução nos últimos séculos. Discussões acirradas em torno de quais estratégias de tradução seriam mais oportunas para dar nova roupagem a clássicos da literatura, sobretudo a grega e a latina, surgiam nas grandes potências europeias e ao redor do mundo. Muitos escritores e teóricos apresentavam pontos de vista que muitas vezes se diferenciavam ou mesmo se chocavam. O maior exemplo é o caso das traduções francesas e alemãs, com propostas que se revelavam visivelmente opostas não apenas em relação aos métodos, mas com uma problemática de ordem filosófica concernente ao plano da linguagem.

Na França do século XVII surge um novo conceito de tradução, *Les Belles Infidèles*, cujo expoente maior seria Voltaire, defendendo um modelo no qual o sentido deveria ser privilegiado. Ao tradutor era dada toda a liberdade para interferir no texto, muitas vezes modificando-o, cortando-o, acrescentando nele passagens e escolhendo as palavras a seu bel prazer, com pretensões declaradas de “embelezar” o texto, visto que este poderia se tornar ainda mais rico levando-se em conta suas pretensões estéticas. A liberdade de criação estava em voga e acreditava-se no seu poder de transformação sobre as obras de arte. Este pensamento perdura durante o século XVII encontrando, no século XIX, opositores como Victor Hugo, que, no prefácio das traduções nas obras de William Shakespeare realizadas por seu filho, critica veementemente tal modelo de tradução.

Na Alemanha, na mesma época, vigorava um conceito de tradução bastante diferente, poderia mesmo se dizer que oposto ao francês. O romantismo alemão inaugura uma fase de efervescência em torno da tradução, especialmente nas figuras de Goethe, Humboldt, Schlegel e Schleiermacher. Para este último, em seu texto *Sobre os diferentes métodos de traduzir*, escrito para uma conferência em 1813 e que é de grande importância para os estudos da tradução, é colocada em cena a figura do tradutor como aquele responsável por aproximar o autor e o leitor. Tarefa difícil que, para Schleiermacher, só pode ser empreendida de duas formas: “Ou bem o tradutor deixa o escritor o mais tranquilo possível e faz com que o leitor vá a seu encontro, ou bem deixa mais tranquilo possível o leitor e faz com que o escritor vá a seu encontro” (SCHLEIERMACHER, 2007, p.242). Para que o leitor vá ao encontro do escritor é necessário que o tradutor faça um trabalho colocando em evidência a língua do escritor,

fazendo com que o leitor experimente o mesmo estranhamento que ele ao entrar em contato com a obra. Ao contrário, quando quer fazer com que o escritor vá ao encontro do leitor, o tradutor tenta formular o texto em sua língua como se fosse um original escrito pelo escritor se este falasse a mesma língua do leitor e do tradutor (modelo estético próprio das *Belles Infidèles*).

Em 1923, também na Alemanha, seguindo esta longa tradição com relação à tradução, aparece um texto que será um marco para a teoria da tradução e que influenciará centenas de tradutores e teóricos no mundo ocidental. Durante todo o século XX, e ainda nos nossos dias, torna-se uma tarefa difícil não citar, em qualquer trabalho sobre tradução, o texto/ensaio/prefácio *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin (2008). Na ocasião, Benjamin o escreveu como prefácio de sua tradução de *Les tableaux parisiens*, grupo de poemas que integram o livro “*Les fleurs du mal*”, de Baudelaire, não imaginando, talvez, a repercussão e a influência que alcançaria outros tradutores e teóricos como Jacques Derrida, Maurice Blanchot, Paul Ricoeur, Antoine Berman, o que será explanado na sequência.

Benjamin (2008) começa o texto argumentando que a tradução é uma forma e o original a sua fonte e que a teoria da tradução não está relacionada a uma teoria da recepção. A tradução não deve ser feita a partir de uma ideia que se tenha de um público leitor, a quem ela é destinada, e sua proposta não se reduz ao simples fato de comunicar algo; ao contrário, “aquela tradução que quisesse comunicar, nada comunicaria senão a comunicação – logo, algo de inessencial” (BENJAMIN, 2008, p.51), podendo mesmo manipular o leitor à medida que tenha, como objetivo, facilitar seu acesso e compreensão da obra. Outra coisa que se pode inferir, ainda, é que a tradução também não molda seu caráter a partir de sua representação, já que a boa tradução não é jamais considerada uma mera cópia do original. Benjamin (2008) descarta completamente a possibilidade de se imitar a obra por meio da tradução, pois esta imitação seria contrária à sua finalidade de transformar, modificar, renovar o original, mesmo não significando ou acrescentando nada a este, embora seja imprescindível para a sua atualização e sobrevida.

Um elemento que ganha notoriedade e se torna digno de menção no texto de Benjamin (2008) é a sua natureza absolutamente isenta de funções categóricas e metodológicas com relação à teoria da tradução.

Aqui é fundamental que se reconheça seu aspecto filosófico e reflexivo, especialmente no que concerne o principal ponto em que fulcra seu pensamento: a linguagem. Este é um ponto de relevância na obra benjaminiana e que ganha maior amplitude em “Sobre a linguagem geral e sobre a linguagem do homem”, texto que faz parte do livro *Escritos sobre mito e linguagem*. Nele o filósofo irá discorrer sobre a questão da linguagem a partir de uma perspectiva mítica e mística, na qual estabelece uma relação entre o pecado original e uma língua paradisíaca: “O pecado original é a hora do nascimento da palavra humana” (BENJAMIN, 2012, p.67). Essa língua adâmica ou paradisíaca estaria associada à perfeição, ao conhecimento supremo. Com a consumação do pecado original, o conhecimento se diferencia e se dissemina a partir da multiplicidade de línguas, instalando-se, então, sua confusão. O nome sagrado de cada coisa (que não pode ser nomeado em palavras) é dessacralizado e começa, aí, a ação da palavra como signo, que é perpetuado e incessantemente modificado: “As coisas não têm nome próprio a não ser em Deus. Pois, certamente, na palavra criadora, Deus as chamou por seu nome próprio. Em contrapartida, na linguagem dos homens, elas estão sobrenomeadas.” (BENJAMIN, 2012, p.71).

A essência desta linguagem é “desvirtuada” pelo homem, donde começa sua ascensão como elemento simbólico e daí sua relação com o signo. Também Derrida (2002) irá recorrer a esta relação mítica da linguagem através do mito da *Torre de Babel* em seu livro *Des tours de Babel, Torres de Babel*, em português. As ideias expressas pelo filósofo francês estão em perfeita harmonia e afinidade com as de Benjamin (2008). Além dos mitos, há a questão dos títulos das obras. *Aufgabe*, em alemão, expressa inúmeros significados, entre eles tarefa e *des tours*, um jogo de palavras que só encontra sentido em francês, também expressando múltiplos significados, tais como torres, desvios, giros, voltas, entre outros. Derrida (2002), compactuando com Benjamin (2008), reafirma a impossibilidade da tradução como mero meio de comunicação, reiterando sua inviabilidade como restituidora de sentido. Além disso, aponta uma nova questão: a figura do tradutor como possuidor de uma eterna dívida para com a tradução, insinuando, inclusive, que “o original é o primeiro devedor, o primeiro demandador” (DERRIDA, 2002, p.40). O mais importante, porém (e aqui ele ainda faz coro a Benjamin), é a relação que se estabelece entre tradução

e linguagem. A tradução é novamente tratada não a partir de constatações metodológicas ou baseadas num comparativismo histórico entre as línguas, mas fundamentalmente sob o ponto de vista filosófico, abordando a relação enigmática que as línguas possuem umas com as outras.

Quando se pensa no papel do tradutor e no trabalho executado por ele, são muitas as alusões que se encontram relacionadas a este profissional. A figura do contrabandista, realizando o contrabando de produtos (aqui de palavras ou signos), do atravessador, do subversor, do explorador, e ainda são alcançadas novas acepções para o termo: a do aventureiro, o oportunista ou falsário para traduções medíocres. Em italiano é famoso o jogo de palavras *traduttore, traditore* que revela explicitamente esta associação do tradutor com o traidor, como alguém que invade um território, toma posse de algo que não é seu, desvirtua seu conteúdo quando lida com uma série de aspectos particulares e representativos de uma língua e cultura que não são seus, modificando-os, adaptando-os até que se transformem em algo semelhante, sem, contudo, conseguir reproduzir exatamente o material primevo, a sua fonte. A metáfora da dívida, proposta por Derrida (2002), ganha total ressonância nesta tarefa árdua e de tão difícil alcance. O tradutor é um eterno devedor que busca incessantemente resgatar a língua do outro, reconstruir em sua língua a língua do outro, mesmo tendo consciência dos obstáculos e adversidades de seu intento.

Além da dívida, da dificuldade, desta quase impossibilidade em se verter uma língua em outra, ainda residem alguns elementos que fortificam este impasse. Muito se discute a questão da língua fonte e da língua alvo, da língua de partida e da língua de chegada. Estes pares estão sempre presentes em qualquer estudo de tradução. Poucos, no entanto, se preocupam com todo o processo envolvido, detalhes relacionados à transformação de um texto em outro, seus limites, suas confrontações, suas barreiras. É válido evocar o termo “zona de contato” para discorrer um pouco mais sobre esta questão uma vez que são confrontadas duas línguas e duas culturas distintas que se aproximam, entram em contato trocando experiências, consubstanciando-se sem, no entanto, se tocarem, num processo paradoxal de reconhecimento e exclusão, de recepção e negação mútuos. É bem ali, naqueles limites, que todo este processo acontece, se desenvolve, e é preciso dizer que não apenas a tradução se transforma, mas também o original, quando pensado especialmente em sua recepção ao longo do tempo, em

diferentes línguas e culturas, não sai ileso a este processo. Mesmo sendo uma relação inconciliável, eles estarão destinados a se vincularem por toda a eternidade do texto.

O processo tradutório envolve, pois, ruptura, invasão e traz, inquestionavelmente, a ideia de violação do texto. Deste contato imanente entre as duas línguas, tem-se, como resultado, um jogo de espelhos e escudos ao mesmo tempo, não um produto, mas sim uma criação ou recriação, já que esta não nega sua dependência do original; ao contrário, não se quer inteiramente independente já que guarda um elo eterno com ele.

Voltando à *Tarefa do Tradutor*, há que se dizer que existe uma afinidade entre as línguas e Benjamin não se refere a uma relação histórica, gramatical ou lexical (pois aí elas se excluem mutuamente, não se aceitam; ao contrário, se estranham, se evitam); elas se conectam apenas em suas intenções, ao que querem realmente expressar:

Onde se buscar a afinidade entre duas línguas se seu parentesco histórico é abstraído? Nem na semelhança das obras, nem, muito menos, nas de suas palavras. Toda afinidade meta-histórica repousa muito mais no fato de que, em cada uma delas, tomada como um todo, algo é significado, que sendo o mesmo não pode, entretanto, ser alcançado por nenhuma delas isoladamente, mas apenas pelo todo de suas intenções reciprocamente complementares: a língua pura. Com efeito, enquanto todos os elementos singulares, as palavras, as frases, as correlações de línguas estrangeiras se excluem, essas línguas se complementam em suas próprias intenções. (BENJAMIN, 2008, p. 56).

O conceito de língua pura reside exatamente nesta ideia de que as línguas se complementam. Embora o original seja inalterável, ele se expande, passa por sucessivas metamorfoses, ganhando frescor e ressonância nas traduções. A soma de traduções de uma obra ao longo do tempo inova o original e do conjunto tradução-original emana a essência da obra de arte que revela a existência de uma língua idílica, resultante de outras duas que confessam sua dependência, escassez e incompletude. Desta união realizada na tradução, se manifesta sua “reconciliação”. Uma tradução só pode se revelar em sua integridade, idoneidade e magnitude se é capaz de fazer alusão a esta terceira língua, a língua “babélica” de Derrida (2002) ou “paradisíaca”, “adâmica”, de Benjamin: “Resgatar em

sua própria língua essa língua pura, ligada à língua estrangeira, liberar pela transcrição essa língua pura cativa na obra, é a tarefa do tradutor” (BENJAMIN, 2008, p.63). Além disso, o tradutor acaba transformando e ampliando sua própria língua, alargando seus horizontes.

Algo também importante que se deve ser considerado na tradução é a questão da fidelidade em contraposição à liberdade e este será o principal elemento de discórdia entre os tradutores. Alguns defendem uma tradução baseada no sentido das palavras e, outros, na literalidade. Mas no que implicaria esta fidelidade, afinal? Sendo fiel ao sentido pode-se prejudicar a forma e, sendo fiel à forma, pode-se corromper o sentido. Benjamin pondera esta questão de maneira bastante significativa: “Uma teoria que busca na tradução só a reprodução do sentido, não mais parece ser de valia” e logo em seguida: “Fidelidade, na tradução, de cada palavra, não se assegura que se reproduza o pleno sentido que ela tem no original” (BENJAMIN, 2008, p.61). É interessante que teóricos que pensam de formas diferentes, como é o caso de Octávio Paz e Antoine Berman, sempre farão referência ao mesmo texto, “A tarefa do tradutor”, fazendo dele quase que um texto “bíblico”, sujeito a interpretações diversas.

Octávio Paz (2009) afirma que a tradução literal não é possível, que é apenas uma fileira de palavras ordenadas de acordo com o texto de origem e que serve, apenas, para ajudar o leitor a ler o texto na língua alvo, como se este estivesse recorrendo a um dicionário. Para ele e também para Haroldo de Campos (2015), tradução e criação são atividades idênticas. Campos é adepto a uma ruptura com o pensamento tradicional que reverencia o original (e isso se percebe claramente por suas influências da primeira fase do Modernismo, sobretudo no que concerne o pensamento relacionado à antropofagia). Nesta “tradução transcultural”, é preciso comunicar não apenas o sentido, mas prioritariamente o ritmo, a melodia, a atmosfera do texto; estes são os componentes que conduzem à sua verdadeira fidelidade, sem nunca prescindir da inventividade.

Já para Berman (2007), para quem o conteúdo é mais importante que a forma, a fidelidade ao sentido é obrigatoriamente uma infidelidade à letra, condenando o excesso de criação quase como sendo um pastiche ou uma adaptação, outorgando-lhe duas alcunhas: etnocentrismo e hipertextualidade. As palavras estão presas à sua carnadura e não podem ser suplantadas por outras que solapem seu sentido. Sendo assim, a tradução

deve ser rigorosamente literal, trazendo o autor e, junto a ele, sua cultura para perto do leitor. A partir de suas considerações, percebe-se, de certa forma, o apagamento da figura do tradutor, que é perceptível na história da tradução literária na França ao longo dos séculos. Mas é preciso também destacar que, ao traduzir literalmente uma obra, o texto da tradução não sai ileso à sua estrangeiridade; ao contrário, chama a atenção do leitor justamente pelo estranhamento que este experimenta ao ler aquela obra que, de fato, está intrinsecamente associada ao seu original. Ora, este pensamento está em perfeita consonância com o de Benjamin (2008), à medida que o teórico alemão enfatiza que este estranhamento experimentado pelo leitor é visto como algo positivo e desejado na tradução.

Otávio Paz (2009) e Haroldo de Campos (2015), que reverenciam a forma em detrimento do conteúdo, acreditam no ato de criação do tradutor e no poder de emancipação da tradução que se rebela contra o original, justamente para legitimá-lo, rogando sua potencialidade e vigor de desdobramento, de expansão. Para Paz, tradução e criação são ideias inseparáveis e toda obra é tradução de outra obra. Logo, nesta relação de *mise en abîme*, toda tradução é a tradução de uma tradução: “Cada texto é único e, simultaneamente, é a tradução de outro texto. Nenhum texto é inteiramente original porque a linguagem mesma, sua essência, já é uma tradução” (PAZ, 2009, p.12). É este ser e não ser, este elo de clausura e ruptura, de libertação da língua de seus invólucros o que se almeja em uma verdadeira tradução.

Haroldo de Campos é ainda um pouco mais radical quando, em suas traduções, ou traduções transculturais, recriações, reescrituras, remastigações, transcriações, não importa o termo, insiste em um desligamento com o pensamento tradicional que reverencia o original, reage contra o apagamento da coautoria na produção. O caminho da fidelidade ao texto está intimamente relacionado a elementos tais como o tom, a atmosfera, aspectos sonoros e visuais das palavras. O mais importante na construção literária é a conservação e conjugação desses elementos que compactuam e colaboram intensamente para a performance estética do texto, em detrimento da pura comunicação do sentido ou de meros adereços semânticos. A proposta de Haroldo de Campos (2015) é a de abandono da língua de chegada e de sua própria língua numa tentativa de alargar os horizontes e a capacidade da língua para a qual se traduz. Em seu projeto de

tradução há, além disso, uma atitude que reforça a autonomia e criatividade do tradutor. Encontramos aí elementos que inevitavelmente nos recordam o projeto literário de Oswald de Andrade com o movimento antropofágico, no qual há um desejo explícito de ruptura com a cultura imposta pelo colonizador. A cultura estrangeira é mastigada, digerida, processada, mas a ela são agregados aspectos genuinamente oriundos da cultura nacional e, neste caso específico de modelo de tradução, do processo de criação individual.

Mas Campos (2015) avança e sua proposta, pode-se dizer, encontra-se mais direcionada para um movimento estético da linguagem. Em seus inúmeros artigos e ensaios de tradução, destaca a *Tarefa do tradutor* (2008) como texto basilar, vital para que se entenda o elo místico e mítico (e sua complexa relação estética com a obra de arte) entre as línguas e sua tentativa de alcance ou mesmo interpenetração através da tradução:

Walter Benjamin subscreve a “ideia de um significado transcendental”, de cuja presença o original seria um avatar e que, enquanto “significado transcendental”, se deixaria representar no “sacro evoluir e crescimento das línguas” como “aquele cerne mesmo da língua pura” gravado nos produtos isolados (obras de arte verbal), com o ônus de um sentido inessencial e estrangeiro. Ao tradutor caberia a angélica tarefa de anunciação dessa “língua pura”, tarefa também de resgate, ainda que sob a forma provisória do “prenúncio”: liberar o original do gravame do seu “conteúdo inessencial” — “fazer do simbolizante o simbolizado” (reconciliar o ícone com seu referente transcendental, atualizando-o na plenitude da presença), este seria, para Benjamin, “o grande e único poder da tradução”. (CAMPOS, 2015, p.52).

Esta natureza signíca da língua, associada às suas manobras estéticas, num movimento dúbio (simbolizado/simbolizante, significado/significante), colidem-se e aparelham-se na tentativa de tocar esta língua babélica. Mas esta operação, profícua e inútil ao mesmo tempo, se declara apenas através de suas evocações e sugestões; do contrário, assassinaría seu intuito e a própria palavra se tornaria sucata. Essa operação insiste e resiste no deslizamento destes significados/simbolizados numa busca eterna por novas significações (o significado rola, se desgasta, não permanece incólume; é deslocável, nunca sucedâneo).

Verifica-se, pois, uma extensa rede dialética entre os teóricos em que ora é configurada uma sincronia e interlocuções, ora descontinuidade e contradições. Mas, por mais incrível que pareça, nem sempre estas relações são inteiramente contraditórias, já que existem aspectos nestes teóricos que convergem para uma afinidade em seu pensamento: o texto *A tarefa do tradutor*, de Walter Benjamin (2008) que, como já foi dito anteriormente, não prescreve quaisquer condutas metodológicas de tradução, sendo, antes de tudo, um texto filosófico. Assim, quando toca nesta questão fundamental da tradução, que é o sentido, Benjamin não o faz sem deixar de recorrer ao uso de metáforas, como a da tangente que toca o círculo de passagem em apenas um ponto: “[...] a tradução toca o original de passagem e no ponto infinitamente pequeno do sentido, para prosseguir, de acordo com a lei da fidelidade, a sua própria rota na liberdade do movimento da linguagem” (BENJAMIN, 2008, p.64). Ou em quando menciona as “traduções” de Hölderlin: “Aí a harmonia entre as línguas é tão profunda que o sentido da linguagem é tocado à maneira de uma harpa eólia tocada pelo vento.”(BENJAMIN, 2008, p.65). Citando ainda Hölderlin, é Maurice Blanchot quem ampliará seu conceito: “Ele acredita ter descoberto nas duas línguas um pacto tão profundo, uma harmonia tão fundamental, capaz de substituir o seu sentido ou capaz de fazer do hiato que se abre entre elas a origem de um novo sentido” (BLANCHOT, 1971, p.6).

Para falar sobre a questão da liberdade na tradução, Benjamin evoca uma passagem de Rudolf Pannwitz, bastante pertinente e que merece destaque em *A Tarefa do tradutor* e por isso é reproduzida aqui:

Nossas traduções (*Übertragungen*), mesmo as melhores, partem de um falso princípio. Elas querem germanizar o sânscrito, o grego, o inglês, em vez de sanscritizar, helenizar, anglicanizar o alemão. Elas têm mais respeito (*Ehrfurcht*) pelos usos de sua própria língua do que pelo espírito da obra estrangeira. (...) O erro fundamental do tradutor (*Übertragenden*) é conservar o estado contingente de sua própria linguagem em vez de deixá-la mover-se violentamente através da língua estrangeira. Sobretudo quando se traduz de uma língua muito distanciada, é preciso remontar até os últimos elementos da própria linguagem, até esse fundo onde palavra, imagem e som se interpenetram. É preciso ampliar e aprofundar sua própria língua graças à língua estrangeira (...) (PANNWITZ apud BENJAMIN, 2008, p. 64.).

É importante ressaltar esta passagem, pois é a única citação usada por Benjamin ao longo do ensaio e, além disso, através dela podemos vislumbrar um elemento que sugere um aspecto do que seria uma tradução ideal para Benjamin (próprio da *Bildung* e oposto às *Belles Infidèles*). Estrangeirizar uma língua é algo que faz com que esta ultrapasse seus limites tanto estruturais quanto estéticos, desconstruindo, expandindo, “desprovincializando” a língua materna e de certa forma reterritorializando-a. Uma língua atravessa a outra configurando novas dimensões da palavra e sugerindo, nesta união, a manifestação, com toda sua estranheza, de ressonâncias de uma língua outra, maior. Esta “terceira língua” aparecerá em diversos textos sobre tradução, evocando este aspecto messiânico. Para muitos especialistas, frente à questão traduzibilidade/intraduzibilidade, seria necessária uma terceira obra para que se estabelecesse uma comparação entre ela, o original e a tradução. Alguns, que tratam de traduções entre línguas latinas e línguas que tiveram influências do latim, como o alemão e, especialmente, o inglês, sobretudo no vocabulário, fazem alusão ao latim como sendo esta fonte de interligação, mas este veio mítico da língua prevalecerá em Benjamin.

Walter Benjamin evocará sempre a nostalgia de uma língua originária, uma língua pura; daí a ideia de melancolia manifesta em textos como *A tarefa do Tradutor* e *Sobre a linguagem em geral e sobre a linguagem do homem*, já que esta língua é como um vetor em fuga, inalcançável. Paul Ricoeur, em *Sobre a tradução* (2011), sempre se referindo ao texto de Benjamin (2008), expressa a ideia de “luto” se referindo ao trabalho, à rememoração e a perda e angústia advindas dele: “[...] o sonho de uma tradução perfeita equivale ao desejo de um ganho que seria sem perda. É justamente desse ganho sem perda que é preciso fazer o luto até a aceitação da diferença incontornável do próprio estrangeiro.” (RICOEUR, 2011, p.29). Há aí, também, um sentimento de ira contra a própria língua perante a sua escassez, sua impotência em lidar com o outro, sua língua e cultura. Por outro lado, no mesmo livro, Ricoeur fala de desejo, esperança e hospitalidade: “[...] o prazer de habitar a língua do outro é compensado pelo prazer de receber em casa, na acolhida da sua própria morada, a palavra do estrangeiro.” (RICOEUR, 2011, p.30). A comunhão destas duas línguas aponta para algo que merece destaque: a diferença entre elas. A tradução se beneficiará disso, pois não é seu intuito fazer com que essa diferença

desapareça; ao contrário, ela deve ganhar evidência. E essa diferença se perpetua indefinidamente à medida que o original vai ganhando outras traduções em outras línguas.

Todas estas questões listadas em Benjamin (2008) e seus “seguidores” nos remetem ao caráter messiânico das línguas e das traduções. Na tentativa de se fazer uma reconciliação entre as línguas, esbarra-se, outra vez, em um movimento de revelia por não se ajustarem, não se moldarem completamente uma à outra, visto que são línguas independentes e ostentam sua identidade. A tarefa do tradutor é, então, a de tentar aparelhá-las, encontrando um ponto de irmandade, de reconciliação entre elas, mesmo estando ciente de sua impossibilidade, já que o indizível, o que elas guardam de mais secreto, se torna incomunicável quando revertido em palavras.

De qualquer forma, sempre se encontrará legitimidade nas traduções, pois elas são as únicas responsáveis pela sobrevivência e longevidade das obras originais e, na figura do tradutor, mais do que um mero transmissor ou mensageiro, o agente intermediário que se diglodia entre duas línguas. Sempre em busca de uma outra, de uma terceira, a língua pura, adâmica, idílica, não importa o nome, e não se deixa abalar mesmo se sabendo um sujeito endividado e que não pode garantir outra coisa ao seu encargo senão uma eterna promessa de busca e redenção das línguas, mesmo sabendo ser o objetivo de seu labor algo quase inalcançável. Afinal, se fosse diferente sua tarefa, tão excitante e que se fundamenta em sua própria busca, entre delícias e torturas, tal tarefa não existiria e o tradutor não seria coroado de mérito pelas suas realizações.

Referências Bibliográficas

BENJAMIN, Walter. **A tarefa do tradutor**. Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2008.

BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem**. Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. São Paulo: Editora 34, 2012.

BERMAN, Antoine. **A tradução e a letra ou o albergue do longínquo**. Tradução de Marie Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan, Andréia Guerini. Rio de Janeiro: 7 letras/ PGET, 2007.

BERMAN, Antoine. **L'épreuve de l'étranger**. Paris: Éditions Gallimard, 1984.

BLANCHOT, Maurice. **Traduzir**. Tradução de David Pessoa Carneiro. Revista Substância, em www.revistasubstancia.com.br

CAMPOS, Haroldo. **Transcrição**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2015.

DERRIDA, Jacques **Torres de Babel**. Tradução de Junia Barreto. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2002.

PAZ, Octavio. **Tradução: literatura e literalidade** (edição bilíngue - português espanhol) Belo Horizonte: Fale/UFMG, 2009.

RICOEUR, Paul. **Sobre a tradução**. Tradução de Patrícia Lavelle. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SCHLEIERMACHER, Friedrich E. D. Sobre os diferentes métodos de traduzir. Tradução de Celso Braida. **Princípios**. Natal, v.14, n.21, p. 233-265, jan/jun. 2007.